

## MEMÓRIA, LEMBRANÇA E ESQUECIMENTO: ou sobre como construir o futuro<sup>1</sup>

*MEMORY, REMEMBRANCE AND OBLIVION: or, on how to build up the future*

*Marcelo Campos Galuppo<sup>2</sup>*

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

### Resumo

O presente artigo pretende argumentar em favor de um conceito de Memória que inclua tanto a lembrança quanto o esquecimento, e de sua importância para a construção do futuro de uma sociedade, a partir de exemplos da literatura, notadamente de *Grande Sertão, Veredas*, de João Guimarães Rosa, do *Sermão da Terceira Domingo de Advento*, de Padre Antônio Vieira e do conto *Funes, o Memorioso*, de Jorge Luis Borges. Para isso, pretende-se distinguir a Memória real da Memória delirante (representada em nosso tempo pelas *Fake News*) e estabelecer um critério político que permita escolher entre o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido.

### Palavras-chave:

Memória; Esquecimento; Fake News; Direito e Literatura; Direito e psicanálise

### Abstract

This paper advances a concept of Memory that also includes Oblivion and its importance to build up the future of society. It uses some examples from the Latin-American Literature to show that we should distinguish both true memories from make-believe memories (as the ones that we find in Fake News) and what should be remembered from what should be forgotten.

### Keywords:

Memory; Oblivion; Fake News; Law and Literature; Law and Psychoanalysis

## 1 MEMÓRIA E ESQUECIMENTO

O corpo dos seres vivos foi programado para reconhecer algo que desconhece, não apenas para reconhecer um agente agressor, mas para reconhecer o que ele ainda não conhece, algo distinto de si próprio, um outro ser vivo que, vindo de fora, ameaça o equilíbrio homeostático do organismo. O coronavírus da Covid-19, por exemplo, era desconhecido pelo corpo humano durante quase toda sua evolução, mas ainda assim este foi capaz de reconhecer o que não conhecia e produzir uma resposta imunológica para lidar com a ameaça. Mas lembrar-se de algo que não se conhece pode ser arriscado, como algumas reações somáticas violentas

<sup>1</sup> O presente texto tem origem em minha participação no II Congresso Latino-Americano Direito, Memória, Democracia e Crimes de Lesa Humanidade, realizado na PUC Minas entre os dias 03 e 05 de novembro de 2021. Gostaria de agradecer àqueles que contribuíram para esse debate na figura do professor Lucas Alvarenga Gontijo.

<sup>2</sup> O presente artigo é fruto de pesquisa financiada pelo CNPq. O autor é professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutor em Filosofia do Direito pela UFMG. Presidente da Associação Brasileira de Filosofia do Direito e Sociologia do Direito - ABRAFi. Vice-presidente da Associação Internacional de Filosofia do Direito e Filosofia Social - IVR. Ex-presidente do Conselho Nacional de Pesquisa e de Pós-graduação em Direito - CONPEDI.

ao invasor revelaram (sob a forma de uma resposta imunológica desproporcional que alguns corpos apresentaram<sup>3</sup>), e por isso vacinas foram desenvolvidas: elas transformam a reação ao invasor em uma espécie Memória. Reagir ao que se conhece é não apenas mais eficiente, mas também mais seguro. A Memória é um fato inscrito na própria natureza biológica dos seres vivos, e a Memória como evento psíquico ou social é a apenas um desenvolvimento dessa capacidade em seres vivos complexos, sobretudo nos animais superiores dotados de um sistema neural especializado (Maturana; Varela, 1995).

Há, no entanto, duas estratégias básicas para a Memória como um evento neural, inscritas na biologia dos animais superiores. Compare os exemplos da galinha e do beija-flor: a galinha cisca pelo terreiro em um padrão que parece desordenado, errático, aleatório, enquanto o beija-flor percorre sempre a mesma rota, com uma precisão cronométrica no percurso do caminho traçado anteriormente, sempre o mesmo caminho, visitando sempre as mesmas flores no mesmo período do dia. Poderia se pensar que apenas o beija-flor possui uma Memória eficiente, mas na verdade tanto a galinha quanto o beija-flor possuem Memórias eficientes para seus modos de vida. Cada uma dessas estratégias revela um tipo diferente de Memória. Trata-se de diferentes estratégias de sobrevivência ligadas a diferentes mecanismos adaptativos. Beija-flores encontram seu alimento em flores, que estão sempre no mesmo lugar. Galinhas se alimentam de pequenos insetos que se locomovem ou de grãos que, apesar de caírem imóveis no chão, uma vez comidos não podem ser encontrados no mesmo lugar. O beija-flor precisa se lembrar de onde ele encontrou alimento ontem para encontrar alimento hoje, enquanto a galinha precisa se esquecer de onde ela encontrou alimento ontem para encontrar alimento hoje. Esquecer é uma propriedade da Memória tão importante quanto lembrar-se. Na verdade, a lembrança pode ser um entrave para a aprendizagem e para a vida tanto quanto o esquecimento.

Há um conto do argentino Jorge Luís Borges sobre isso: *Funes, o memorioso* (Borges, 2000, p. 539 e ss.). Irineu Funes era alguém que se recordava eideticamente de absolutamente tudo, de todos os detalhes prosaicos do que vivia, a maioria deles inúteis, mas que era incapaz de dar sentido aos fatos. O narrador do conto diz que Funes “tinha aprendido sem esforço o inglês, o francês, o português, o latim. Suspeito, entretanto, que não era muito capaz de pensar. Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair. No abarrotado mundo de Funes não havia senão pormenores, quase imediatos” (Borges, 2000, p. 545, grifo meu). A Memória compulsiva

---

<sup>3</sup> Segundo Blasi e Holzhey, “O sistema imune é concebido para manter a identidade e integridade do organismo através da intolerância. No entanto, quando ele se torna muito intolerante e falta-lhe tolerância para consigo mesmo, atinge-se uma situação chamada de doença autoimune” (Blasi; Holzhey, 2014, p. 73).

era para Funes um substituto da inteligência e da imaginação, uma forma de mantê-lo preso aos eventos passados, incapaz de encaminhar-se para o futuro ou mesmo de compreender o presente.

É Riobaldo, no Grande Sertão, Veredas, quem nos explica porque a estratégia de Funes não permite conhecer a realidade:

A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. *Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância.* De cada vivimento que eu real tive, de alegria ou pesar, cada vez daquela que hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir, *tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente fala.* O senhor mesmo sabe. (Rosa, 2006, p. 88, grifos meus)

A teoria da Memória de Riobaldo revela que lembrar não é alinhar cronologicamente todos os fatos, como se todos pertencessem entropicamente a um universo homogêneo e indiferenciado, mas ordená-los em sua ordem de importância, hierarquiza-los, avalia-los, julgá-los, e, inclusive, excluí-los. Para se lembrar de algo é preciso se esquecer de algo, e Freud alertava que quando nos lembramos (paradoxalmente) que nos esquecemos de algo damos conta não só do valor protetivo do esquecimento, mas sobretudo do funcionamento complexo do mecanismo da Memória (Freud, 2014). A indistinção do valor e da importância dos fatos operada por Funes tornava sua lembrança inútil, enquanto a Memória de Riobaldo, ordenada pela importância dos eventos, se revela redentora ao final: somente assim podemos significar a realidade, atribuir-lhe um sentido e, sobretudo, compreender os erros do passado para se evitar no futuro (o que exige isolar causas suficientes para explicar a realidade distinguindo-as de meros eventos que, ainda que ocorrendo contemporaneamente ao que se quer compreender, não guardam com ele nenhuma relação).

A estratégia de Riobaldo é um misto da estratégia da Galinha e do Beija-flor, e é exatamente isso que permite que ela seja mais do que mera erudição, acúmulo de dados que, indistintos em sua importância, abarrotam o sujeito e interpõem-se entre ele e sua ação. A Memória de Riobaldo conecta o passado ao futuro em projetos, enquanto a Memória de Funes o prende no instante presente que impede o progresso por permanecer sempre presente.

A Memória e seu suporte biológico, o cérebro, é uma máquina do tempo. Mas, como adverte o físico Carlo Rovelli (2018), seu objetivo não é transportar-nos ao passado, mas gestar o futuro. É a capacidade de antecipar as consequências futuras dos eventos presentes com base em nossas experiências passadas que permite-nos transformar o mundo de alguma forma, torná-lo habitável.

## 2 MEMÓRIA E FAKE NEWS

O tema da Memória na Filosofia remonta pelo menos a Platão, que no *Fedro* observou que os instrumentos para lembrar (a escrita) são, ao mesmo tempo, instrumentos para esquecer (Platão, 1975). Por mais efetiva que a Memória seja, e mesmo que recorrendo ao esquecimento como uma estratégia para se lembrar melhor daquilo que realmente importa, ela ainda assim pode nos enganar. Tome-se, por exemplo, o caso da Psicanálise: Freud acreditava inicialmente que o aparelho psíquico de seus pacientes havia se formado por um processo de repressão que ele identificou como o produto da violência sexual dos pais sobre seus filhos. Isso, no entanto, não correspondia à suas experiências mais imediatas, inclusive à sua própria experiência com seus filhos, marcada pela ternura (que, ainda que seja um substituto da meta do desejo sexual, é destituída de natureza genital), e o desenvolvimento de suas pesquisas o levou a concluir, para seu horror inicial, que a verdade era bem outra: eram as crianças que, desejando ser o alvo do amor de seus pais, forjavam uma história alternativa, encobridora desse desejo, insuportável para o ego e o superego (Freud, 2016). Em lugar de serem desejados, eram eles que desejavam. Como diz Jill Gentile, neste caso, “a antítese da verdade não era a falsidade, mas ao contrário o esquecimento” (Gentile, 2016, p. 201). O esquecimento se produz também por um processo de repressão, quando aquilo que se lembra é mais insuportável do que aquilo que se deseja. O problema, nesse caso, não é tanto o esquecimento, mas a falsa Memória encobridora da realidade.

É verdade que nossa Memória pode encobrir a realidade, mas esse encobrimento é sempre imperfeito, como indicava o próprio Freud: no esforço de reprimir nossos desejos, camufla-los de um modo socialmente aceitável, produzem-se sintomas neuróticos, um mecanismo que gera alívio, mas ao mesmo tempo gera angústia (*Angst*) para o sujeito, em primeiro lugar porque esse encobrimento é impossível: O aparelho psíquico não é como uma cidade, em que os vestígios do passado são demolidos, implodidos e eliminados para que novas estruturas se construam por cima. Nada pode ser esquecido na psique, regida por um princípio que Freud chamou de “conservação do psíquico” (Freud, 2010, p. 20). Podemos não estar conscientes das pulsões que nos movem, mas elas estão ali, determinando nossas ações. Esquecer disso é confiar demais na *soberania do sujeito*, a crença moderna de que controlamos a linguagem, quando somos de fato por ela controlados (Butler, 2021).

A Memória exige recordar o que ela mesma encobriu. Sua tarefa, portanto, não consiste apenas em distinguir o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido pela consciência, mas

também em distinguir o que são lembranças reais do que são lembranças delirantes, substituições neuróticas da realidade. Lembro-me, por exemplo, de como a Ditadura Militar produzia uma Memória delirante sobre um Brasil que nunca existiu, que, transferindo a violência para o passado, nos impedia de vê-la no presente: Nas décadas dos anos setentas e oitentas do século passado, era-nos ensinado que os africanos foram trazidos ao Brasil como escravos para substituir os povos nativos porque esses eram preguiçosos (e não por causa dos interesses mercantis do capitalismo inglês por trás desse comércio horroroso), uma narrativa encobridora da violência racial do Brasil contemporâneo.

Talvez este segundo problema, da distinção entre Memória vivida e Memória delirada, seja de mais fácil solução do que o primeiro (o da seleção entre o que se deve lembrar e o que se deve esquecer - não no sentido do lapso produzido pelo aparelho psíquico, mas daquilo que deve ser intencionalmente relegado ao passado), porque permite uma resposta metodológica no campo da pura epistemologia (enquanto a primeira questão demanda uma resposta política). Umberto Eco escreveu uma crônica interessante chamada "Como reconhecer um filme pornô", datada de 1989. Para muitos, a resposta a essa pergunta parecia óbvia, mas o lançamento de vários filmes nos anos setentas e oitentas mostraram que a tarefa era mais difícil do que se pensava: *Diavolo in corpo (Diabo no corpo)*, de Marco Bellochio (1986, três anos antes da crônica de Eco) e *Ai no korida (Império dos Sentidos)*, de Nagisa Oshima (1976), foram filmes que borraram para sempre o limiar entre a pornografia e o erotismo, entre a indústria do sexo e o cinema de autor, quando se apropriaram de cenas de sexo explícito com os atores, e não com dublês, para tentar superar a iniludível opacidade que impede distinguir o real do que é representado artisticamente. A partir de então, a presença de órgãos sexuais em cena, a simulação e mesmo a consumação física de atividades sexuais não eram mais critérios úteis para distinguir o cinema autoral e o cinema pornográfico, e era preciso encontrar um novo instrumento que permitisse fazê-lo. Umberto Eco propôs um critério peculiar: filmes pornográficos eram cheios daquilo que ele chamou de *tempos mortos*, eventos verossímeis, consistentes com a narrativa, mas absolutamente irrelevantes para o filme e dispensáveis para o espectador imaginativo. Por exemplo, para que finalmente Gilberto aparecesse em relações explícitas com Gilberta (nomes que Eco dá aos personagens fictícios de um filme pornográfico em sua crônica), com uma performance que amedrontaria e estimularia ao mesmo tempo tanto a maratonistas quanto a contorcionistas, era preciso que ambos se encontrassem, por acaso ou de propósito, no *lobby* do hotel. Ambos deveriam ir até o balcão da recepção e preencher a ficha de registro, realizando o *check-in*. A câmera captaria por alguns minutos a ficha sendo preenchida, em todos seus detalhes, e depois ambos entrariam no elevador. Antes de chegarem

ao décimo primeiro andar, onde aconteceria a cena que realmente interessaria ao tipo de espectador que procura por esse tipo de filme, a câmera enquadraria o marcador dos andares, e veríamos lentamente os números se sucedendo. Esses *tempos mortos* seriam necessários em um filme pornográfico porque a transgressão precisa de um pano de fundo de normalidade para ser suportável. Como diz Eco,

representar a normalidade é das coisas mais difíceis para qualquer artista – enquanto representar o desvio, o delito, o estupro, a tortura, é fácil. (...) O filme pornográfico precisa representar a normalidade – essencial para que a transgressão possa despertar algum interesse – do modo como ela é concebida por cada espectador. E, portanto, se Gilberto precisa tomar o ônibus e se deslocar do ponto A para o ponto B, veremos Gilberto tomando o ônibus e o ônibus percorrendo todo o trajeto entre A e B. (Eco, 1993, p. 178)

Se a transgressão fosse explicitamente onipresente em toda a narrativa, ela cairia em uma indiferença e em uma indistinção ao modo de *Funes, o memorioso*, e deixaria de ser capaz de cumprir sua função de induzir à excitação e, eventualmente, à tentativa, sempre frustrante, de repetir o desempenho daqueles atores. Como diz Eco, os espectadores “prefeririam que o filme mostrasse cenas inomináveis o tempo todo. Mas isto não passa de uma ilusão. Seriam incapazes de aguentar uma hora e meia de cenas inomináveis. E é por isso que os tempos mortos são essenciais” nesses filmes (1993, p. 179)

O conceito de tempos mortos está ligado à navalha de Ockham, não para afirma-la, mas para subvertê-la. Guilherme de Ockham, um filósofo franciscano do século XIV, pensava que não devemos multiplicar os entes de modo desnecessário para explica-los (Adams, 1995, p. 633), e esse princípio metafísico é geralmente interpretado da seguinte forma: quando há duas explicações para um fato, é provável que a correta seja a mais simples delas (algo que a língua inglesa veio a designar como a *elegância* de uma teoria). Em termos muito práticos, isso significa que a mentira é uma história geralmente muito mais complexa do que a realidade<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Há um episódio do sitcon *Big Bang Theory* chamado *The Loobenfeld Decay* (temporada 1, episódio 10) que ilustra bem isso. Nele, Leonard Hofstadter e Sheldon Cooper (dois cientistas da universidade californiana Caltech) se encontram com sua vizinha Penny (de quem, no entanto, nunca saberemos o sobrenome, o que indica, por si só, não se tratar de uma série pornográfica). Penny (uma jovem de Nebraska que vive na Califórnia em busca de sucesso como atriz) convida-os para assisti-la naquela noite, em sua primeira oportunidade de representar (uma substituição no musical *Cats*). Leonard e Sheldon, no entanto, temem que Penny seja uma má atriz (ou que o musical não seja bom), e Leonard conta uma mentira para não aceitarem o convite: eles assistiriam a um simpósio de Física Quântica aquela noite. No dia seguinte, Sheldon bate à porta de Penny e diz que eles mentiram (parecia-lhe muito fácil que a mentira contada por Leonard fosse descoberta por Penny: bastaria que ela descobrisse a senha

Quando combinamos Eco e Ockham, podemos desenvolver uma técnica para distinguir a realidade de *Fake News*, que é a versão contemporânea da Memória delirante. Se comparada à realidade, as *Fake News* tendem a desenvolver histórias muito mais elaboradas, hiper-realistas, ricas em detalhes irrelevantes para a própria história, cuja presença permite distingui-las da própria realidade. Penso aqui nos médicos dos vídeos anti-vacina, que são sempre da NASA (como se a NASA estivesse preocupada com vacinas, quando na verdade está preocupada com um modo de se apropriar, se não do espaço sideral, pelo menos dos frutos economicamente perceptíveis de sua exploração), ou na estratégia usada para desacreditar um dos candidatos da esquerda à presidência em 2018, atribuindo-lhe a distribuição de mamadeiras fálidas<sup>5</sup>.

É preciso entender aqui o papel da *coerência* na formulação de *Fake News*. Durante muito tempo, o conceito de verdade assentava-se em uma teoria chamada de *fundacionalista*. No Teeteto (201c), Platão definiu o conhecimento como sendo uma “opinião verdadeira acompanhada de uma explicação racional” (Platão, 1988, p. 85), ou seja, uma crença verdadeira e justificada. Para o fundacionalismo, tanto a *verdade* do conhecimento se define como uma correspondência entre a expressão racional de algo e o mundo real quanto a *justificação* se define pela qualidade real de algo (como as ideias, de Platão, ou o Cogito e Deus, de Descartes), externa ao próprio discurso, e que representa seu fundamento. Desde a revolução empreendida por Wittgenstein (2014), no entanto, é pouco crível tanto que o mundo possa ser conhecido em sua totalidade por meio da linguagem quanto que haja um acesso não-linguístico a essa realidade. Por isso, a Teoria do Conhecimento do século XX tem proposto outra abordagem, chamada de *coerentismo*, para a qual “é a coerência global de um sistema de crenças que determina se uma crença em particular é justificada” (O’BRIEN, 2006, p. 78). Para que um sistema seja coerente, três condições devem ser preenchidas:

---

para acessar o email deles e entrasse na programação dos seminários daquela semana para verificar que era tudo mentira). No lugar da primeira mentira, Sheldon conta uma segunda mentira: na verdade Leonard foi ajuda-lo a resgatar um primo drogado. Para que essa mentira fosse uma irrelável (*unreveling*), Sheldon contrata um ator para viver o papel de seu primo e o aloja em seu próprio apartamento: A mentira torna-se cada vez mais complexa, uma armadilha na qual o próprio Sheldon se prende.

<sup>5</sup> Um excelente exemplo é apresentado no canal *Porta dos Fundos*, em que a personagem *Dona Helena* “desmascara” as mentiras que eles querem esconder de nós (mas eles são quem, mesmo?). O melhor episódio é, provavelmente, aquele em que ela desvenda o código por trás do nome da doença atribuído à pandemia de 2020/2021 (Covid-19): [https://www.youtube.com/watch?v=CPd\\_wKsipYc](https://www.youtube.com/watch?v=CPd_wKsipYc) (acesso em 11 de novembro de 2021).

1. Em primeiro lugar, as proposições de um sistema de crenças não podem ser contraditórias (O`BRIEN, 2006, p. 78), o que significa, por exemplo, que não podem afirmar que João seja culpado e que João seja inocente ao mesmo tempo;
2. Em segundo lugar, “um sistema coerente de crenças possui um número mínimo de casos em que a verdade de uma crença em particular torne improvável que outra de suas crenças seja verdadeira” (O`BRIEN, 2006, p. 78). Por exemplo, se digo que “João matou Maria com um tiro” e que “João nunca possuiu uma arma de fogo”, as duas proposições não são coerentes, ainda que não sejam opostas logicamente.
3. Em terceiro lugar, um sistema de crenças, para ser coerente, requer mais do que a simples consistência das proposições: exige que elas conectem-se e apoiem-se umas nas outras. Por exemplo: as proposições Azul é minha cor predileta, Bill Clinton foi presidente dos Estados Unidos e Amanhã vai ser quinta-feira, apesar de consistentes, não são propriamente coerentes, pois não integram o mesmo sistema de proposições.

É uma falha paradoxal no terceiro requisito, gerada pela produção artificial de excesso de detalhes irrelevantes (que acabam sendo, em primeiro momento, desconexos e, em um segundo momento, contraditórios, usados como suporte de autoridade para aquilo que é falso) que impede as Fake News de serem coerentes. Em outros termos, é o excesso de tempos mortos, como diria Umberto Eco, ou a presença desnecessária de distinções que multiplicam os entes, como decorreria do pensamento de Ockham, que tornam muito provável que, quando tomadas em conjunto, as proposições que formam as *Fake News* sejam coerentes o suficiente para cumprir o critério necessário para se dizer que uma teoria seja verdadeira. Quanto mais detalhes, sem os quais paradoxalmente faltaria autoridade às *Fakes News*, mais se produz incoerência ao discurso.

### 3 MEMÓRIA E FUTURO

Um sistema informacional que opere com muitas variáveis não é eficiente e está submetido a erros constantes (Maturana; Varella, 1995), dificilmente atingindo o nível de coerência necessário para ser qualificado como verdadeiro. Algum esquecimento mantém o sistema operante, e esse pressuposto é consistente com a teoria dos paradigmas de Thomas Kuhn (e, em especial, como o conceito de *ciência normal* – 1994). Esse esquecimento, necessário para o funcionamento de um sistema, pode ser acusado de hipocrisia e mesmo de

cinismo, mas podemos contornar esse problema se imaginarmos que o esquecimento de um elemento do sistema não implica sua eliminação, mas suas recepção dentro de outro sistema. Diferentes sistemas podem ser incompatíveis entre si, mas ainda assim prover uma explicação coerente da realidade. Essa ideia se relaciona ao conceito da mecânica quântica de *complementariedade*, desenvolvido por Niels Bohr: “duas descrições incompatíveis e mutuamente excludentes para descrever entidades elementares, tais como ondas e partículas, podem ser igualmente válidas e necessárias para uma avaliação completa, ainda que não possam ser combinadas em um mesmo quadro” (Blasi; Holzhey, 2014, p. 80).

No entanto, mais difícil do que responder à pergunta sobre a (in)coerência das *Fake News* que permite reconhece-las, produzida por seu excesso de detalhes e de tempos mortos, é determinar o que precisa ser esquecido e o que precisa ser lembrado para que a Memória possa cumprir bem sua função. Precisamos de uma teoria que distinga o que é relevante do que não o é para podermos selecionar, dentre a pleora de informações, aquelas que vale à pena ser lembradas. Há duas maneiras de operar essa distinção: retrospectivamente e prospectivamente. A técnica retrospectiva é *aparentemente* a técnica de Riobaldo, que afirma no *Grande Sertão, Veredas*:

Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! - só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais em baixo, bem diverso do que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso? (Rosa, 2006, p. 30).

A mensagem de Riobaldo parece ser que somos cegos no meio da travessia do rio da vida, e que o sentido da realidade (e o destino) só pode ser conhecido depois que se chega lá, mas esse é um engano que Guimarães Rosa produz no leitor desatento para tentar se redimir. Riobaldo sabe que a escolha do que é relevante deve ser feita no início da jornada, traçando um mapa para o desejo, e não depois que se percorreu o caminho. Riobaldo, agora velho, recorre a uma estratégia retrospectiva porque perdeu a chance de fazê-lo prospectivamente no momento oportuno. Podemos perceber esse subterfúgio para salvar o sentido da existência no romance de Guimarães. Riobaldo afirma: “Um está sempre no escuro, só no último derradeiro é que clareiam a sala”, parecendo dizer que só retrospectivamente os eventos da vida, e a própria vida, ganham sentido. No entanto, ele completa: “Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (Rosa, 2006, p. 67). É preciso manter os olhos abertos durante a travessia para distinguir o que é o real. A dimensão trágica da vida consiste exatamente nisto: que “o que induz a gente para as más ações estranhas, é que a gente está

pertinho do que é nosso por direito, e não sabe, não sabe, não sabe!” (Rosa, 2006, p. 96). A estratégia de Riobaldo jovem não foi uma boa estratégia, porque permitiu que apenas a boa ou má fortuna fizessem a vida florescer. A vida que se guia assim, na base do “vamos ver aonde vai dar”, só pode terminar frustrada, por ter tomado um caminho distinto daquele que se *deveria* ter tomado: ela não permite fazer escolhas, mas é arrastada pelas escolhas realizadas pelos outros.

Há, no entanto, uma outra forma de distinguirmos a realidade daquilo que nos distrai da realidade, e é Santo Agostinho que a apresenta no livro X de suas *Confissões* (X; XIV, 21). O órgão do corpo que se assemelha à Memória é o estômago (Agostinho, 2017, p. 265). O estômago discrimina entre o alimento bom e o nocivo, e o faz prospectivamente, não visando a condição passada do corpo, mas seu bem-estar futuro. Há alimentos que impedem a homeostase do corpo, e por isso produzem sua morte, como venenos e produtos contaminados, que introduzem no corpo um elemento que o desintegra. O estômago vomita aquilo que prejudicará o corpo, e a Memória deve fazer o mesmo com os eventos da realidade, discriminando aquilo que produz a vida e aquilo que lhe é nocivo. Há muito que deve ser esquecido para se seguir em frente (não no sentido do apagamento da Memória, que seria impossível, mas de sua resignificação), e a neurociência afirma que o cérebro sabe prospectivamente do que irá se lembrar e do que irá se esquecer<sup>6</sup> no momento mesmo em que as Memórias estão sendo produzidas: é um projeto da mente que estrutura essa seleção (Dehaene, 2020, p. 180). Ainda que o esquecimento como mero apagamento não seja possível para o aparelho psíquico, ele é, também para Freud, o instrumento pelo qual a civilização se impõe à barbárie, criando a lei, oposta à violência (Freud, 2010), entendida não apenas como força física, mera coerção, mas como a violação da lei e o gozo perverso que decorre dessa violação (Costa, 1984).

A seleção do que importa e do que não importa para a Memória é produto da distinção entre o que gera e o que impede o florescimento da própria vida: é um mapa ou roteiro para o desejo, mas também para sua contenção, mapa que inclui excluir caminhos, cidades, paisagens.

---

<sup>6</sup> Sabemos disso porque ressonâncias magnéticas do cérebro revelam que as Memórias que irão se formar como Memórias de longa duração, que serão lembradas posteriormente, são processadas em regiões distintas do cérebro daquelas que são meramente operativas, e que serão esquecidas. No momento em que vive aquilo que será convertido em Memória, o cérebro distingue o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido. O problema de *Funes* é exatamente a indistinção entre as Memórias de longa duração e as meramente operativas. Por outro lado, a distinção entre Memória de longa duração e Memória meramente operativa pode ser um bom critério para se distinguir os limites do perdão e da tolerância, mas esse é um tema derivado que é preciso momentaneamente deixar de lado.

A Memória inclui o esquecimento, que é então um *pharmakon*, estranha palavra grega que significa ao mesmo tempo remédio e veneno, que pode curar ou matar. Por isso lembrar e esquecer não são em si mesmos bons ou ruins: depende do que se lembra e do que se esquece.

Há algum critério que determine o que devemos lembrar e o que devemos esquecer? É Padre Vieira quem responde a essa pergunta. No [Primeiro] Sermão da Terceira Domingo do Advento, ele diz:

os antigos, quando queriam prognosticar o futuro, sacrificavam os animais, consultavam-lhes as entranhas, e conforme o que viam nelas, assim prognosticavam. Não consultavam a cabeça, que é o assento do entendimento, senão as entranhas, que é o lugar do amor; porque não prognostica melhor quem melhor entende, senão quem mais ama. E este costume era geral em toda a Europa antes da vinda de Cristo, e os Portugueses tinham uma grande singularidade nele entre outros gentios. Os outros consultavam as entranhas dos animais, os Portugueses consultavam as entranhas dos homens (...). Era costume dos antigos portugueses (diz Estrabão) consultar as entranhas dos homens que sacrificavam, e delas conjecturar e adivinhar os futuros. A superstição era falsa, mas a alegoria era muito verdadeira. Não há lume de profecia mais certo no mundo, do que consultar as entranhas dos homens. E de que homens? De todos? Não. Dos sacrificados. As entranhas dos sacrificados eram as que consultavam os antigos (...) Se quereis profetizar o futuro, consultai as entranhas dos homens sacrificados” (vol. I, p. 209).

A Memória é uma escolha política sobre o futuro, e sua tarefa consiste em operar distinções (entre o real e o apenas imaginado, mas também entre o que devemos lembrar e o que devemos esquecer, não no sentido de apagar, o que seria impossível, mas no sentido de ressignificar os fatos, em si mesmos dispersos e episódicos, mas unidos pela linha temporal da Memória). Como disse Garcia-Roza, é graças ao esquecimento do tempo atual que temos acesso ao tempo eterno (Garcia-Roza, 1990).

No entanto, é preciso lembrar a pergunta para que qualquer resposta faça sentido<sup>7</sup>, mas respostas erradas no meio do caminho devem ser esquecidas. E a pergunta essencial de qualquer sociedade deve ser: o que é uma sociedade justa? (Rawls, 2016). O desvio do caminho empreendido pelos brasileiros nos últimos anos precisa ser esquecido para podermos nos lembrar do rumo certo a trilhar, e isso precisa ser feito porque há sacrificados na história cujas vidas devem orientar o futuro que escolhemos, um futuro mais justo, em que a liberdade e a

---

<sup>7</sup> Na obra *O Guia do Mochileiro das Galáxias*, Douglas Adams narra que, por milhares de anos, o computador *Pensador Profundo* calculou a resposta para a pergunta sobre o sentido da vida, “a grande questão da vida, do universo e de tudo o mais” (Adams, 2010, p. 131). Quando despertou, o computador respondeu a pergunta com um número: 42. O problema é que os cientistas haviam esquecido qual era exatamente a pergunta que fizeram, e o computador acrescentou: “quando vocês souberem qual é exatamente a pergunta, vocês saberão o que significa a resposta” (Adams, 2010, p. 133).

igualdade possam ser reais. Ter isso em mente é a única vacina à nossa disposição para impedirmos o avanço da barbárie.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Douglas. *O Guia do Mochileiro das Galáxias* (Volume um da Trilogia de Cinco). São Paulo: Arqueiro, 2010.

ADAMS, Marilyn MacCord. Ockham's Razor, or Principle of Parsimony. In: HONDERICH, Ted. *The Oxford Companion to Philosophy*. Oxford: Oxford University, 1995. P. 633.

AGOSTINHO (Santo). *As Confissões*. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2017.

BLASI, Luca di; HOLZHEY, Christoph. Epilogue. In: BROWN, Wendy; FORST, Rainer. *The Power of Tolerance: A Debate*. New York: Columbia University, 2014. P. 71-101.

BORGES, Jorge Luis. Ficções. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*, Vol. I. São Paulo: Globo, 2000. P. 471 a 592.

BUTLER, Judith. *Discurso de Ódio: Uma política do performativo*. São Paulo: Unesp, 2021.

COSTA, Jurandir Freire. *Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

DEHAENE, Stanislas. *How We Learn*. New York: Viking, 2020.

ECO, Umberto. Como identificar um filme pornô. In: \_\_\_\_\_. *O segundo diário mínimo*. Rio de Janeiro: Record, 1993. P. 177 a 179.

FREUD, Sigmund. *Conferências introdutórias à psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. (Obras Completas, vol. 13)

FREUD, Sigmund. O Mal Estar na Civilização. In: \_\_\_\_\_. *O Mal Estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e Outros Textos (1930-1936)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. P. 13 a 122. (Obras completas, vol. 18).

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, Análise fragmentária de um caso de histeria ("O caso Dora") e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. P. 13-172 (Obras completas, vol. 6)

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Palavra e verdade: Na Filosofia e na Psicanálise*. 5 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

GENTILE, Jill. *Feminine Law: Freud, Free Speech and the Voice of Desire*. London: Karnac, 2016.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento*. Campinas: Psi II, 1995.

O'BRIEN, Dan. *An Introduction to the Theory of Knowledge*. Malden: Polity, 2006.

PLATÃO. Fedro. In: *Fedro – Cartas – O primeiro Alcebiades*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1975. P. 31 a 99. (Diálogos, V).

PLATÃO. Teeteto. In: *Teeteto e Crátilo*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1988. P. 1 a 100. (Diálogos, IX).

RAWLS, John. *Uma teoria da justiça*. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ROVELLI, Carlo. *A ordem do tempo*. São Paulo: Objetiva, 2018.

VIEIRA, Antônio (Pe.). [Primeiro] Sermão da terceira Domingo do Advento. In: \_\_\_\_\_. *Sermões*. Porto: Lello, 1959. Vol. I, p. 187 a 216.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Petrópolis: Vozes, 2014.

**Submissão: 12/11/2021 Aprovação: 08/02/2022**